



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: Severino Francisco
ÁREA: Comunicação e Mídia Digital

Thiago Piza
RA 20462589

PASQUIM DIGITAL: O RETORNO DO JORNALISMO AUTORAL

Brasília
2007

Sumário

| | |
|---|----|
| 1 Introdução..... | 5 |
| 2 Pasquim & Blog: Origens e características..... | 7 |
| 3 Convergências e Divergências dos meios estudados..... | 13 |
| 4 O retorno do jornalismo individual..... | 23 |
| 5 Conclusão..... | 34 |
| Referências..... | 35 |

THIAGO PIZA

Pasquim Digital: O Retorno do jornalismo autoral

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. Severino Francisco

Brasília
2007

THIAGO PIZA

Pasquim Digital: O retorno do jornalismo autoral

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. Severino Francisco

Brasília, Dezembro de 2007

Banca Examinadora

Prof. Severino Francisco
Orientador

Prof. Luzia Giffoni
Examinadora

Prof. Paulo Paniago
Examinador

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar como a mídia digital, especificamente os blogs, permite aos jornalistas e polemistas dos dias atuais um meio de expressão individual análogo aos pasquins do séc. XIX no Brasil. Serão estudadas as inovações tecnológicas surgidas e aprimoradas na virada do século XXI que possibilitaram o retorno do periódico autoral e de grande alcance. Para isso, se fará um resumo da história da Internet, já que esse meio propiciou o retorno da atividade analisada. A prática do jornalismo autoral acontece em momentos de crise política e rupturas culturais, em que as inovações tecnológicas fornecem as novas ferramentas de trabalho necessárias a tal prática. Nesses momentos, reaparecem as figuras dos jornalistas e polemistas dispostos a arriscar a própria vida em função da realização de seu ofício. A oposição entre a liberdade de expressão e a censura institucional evoluem ciclicamente no tempo e nos momentos de crise e mudança a tensão entre as duas partes atinge o seu paroxismo. É justamente nessas horas que a criatividade jornalística parece se manifestar com mais força. Por oposição, quando a atividade jornalística parece mais regulamentada e a atividade do jornalista é mais respeitada, há uma tendência a se evitar a polemica, e se observa maior respeito às “regras do jogo” do mundo jornalístico.

1 Introdução

Os blogs de jornalistas na internet possuem características semelhantes aos folhetins noticiosos conhecidos como pasquins. Durante o século XIX, esses pequenos informativos causaram grande comoção nos meios políticos e intelectuais ao veicular informações que incomodavam os poderes estabelecidos e as grandes figuras de seu tempo. Hoje, os blogs realizam atividade semelhante, já que fazem a crítica do mundo político e dos homens proeminentes de seu tempo. No presente trabalho, será feita uma análise dos dois meios de comunicação para que sejam encontradas as semelhanças capazes de estabelecer um vínculo entre eles.

Tanto o pasquim quanto o blog jornalístico é o meio de comunicação destinado ao exercício do mesmo ofício. As características de ambos os meios serão analisadas levando-se em conta o contexto social em que foram produzidos. Aspectos como linguagem, tecnologia de produção e acessibilidade serão avaliados.

A opção pelo tema ocorreu devido a constatação de que, apesar da grande disponibilidade de informação proporcionada pela Internet, assim como a grande quantidade de sites informativos, o jornalista, por se submeter às hierarquias midiáticas, nem sempre é capaz de dar livre curso a suas opiniões e idiossincrasias.

Uma das hipóteses é a de que os blogs são as versões modernas dos pasquins no sentido de que eles permitem ao jornalista expressar as suas opiniões e expor os seus conhecimentos de forma livre e direta para o leitor. O grande poder de distribuição da internet seria uma vantagem, já que os textos podem ser acessados de forma imediata para um vasto número de pessoas. A possibilidade de interação entre o jornalista e o leitor também contaria a favor dos blogs, pela sua capacidade de cativar o público. Por oposição, a outra hipótese considera que os pasquins eram meios mais eficazes de crítica, já que os atuais jornalistas não conseguiram se livrar das hierarquias editoriais e da vigilância do sistema midiático. Por essas razões, muitos jornalistas utilizam pseudônimos nos seus blogs, o que ressalta a relação entre esses e os pasquins, onde o uso de alcunhas era corriqueiro.

O objetivo geral do trabalho é verificar se os blogs jornalísticos são o sucedâneo moderno dos pasquins. Já os objetivos específicos são reconhecer como os aspectos de ambas as mídias e os seus respectivos usos, considerados os meios em que atuam, se relacionam para confirmar ou impugnar essa hipótese.

Para a realização desse trabalho, serão consultados livros relacionados ao tema, assim como sites, blogs, e jornais, tanto impressos como virtuais.

2 Pasquim & Blog: Origens e características

A internet, rede mundial de computadores, possibilitou o retorno do jornalismo autoral através de blogs e sites jornalísticos. Estes, ao abordar temas de relevância social e política, comentando e criticando os fatos e personalidades de seu tempo, assemelham-se a um gênero jornalístico muito praticado no Brasil do séc. XIX: o pasquim. Esse estilo de publicação, materialmente pobre e de vida efêmera, permitia a um indivíduo de algum recurso e muita disposição divulgar opiniões e idéias que poderiam abalar um governo e uma personalidade supostamente respeitável, mesmo que isso lhe trouxesse conseqüências perigosas. No Brasil, durante a transição do regime colonial para o imperial, a atividade literária, antes vista com desconfiança pelas autoridades, lentamente começou a ganhar força nos centros urbanos.

A rígida proibição da corte portuguesa em relação às prensas tipográficas no Brasil colônia arrefeceu após o início do séc. XIX. Sem dúvida para tal contribui a chegada da corte de D. João VI ao Brasil, em 1808. Nesse mesmo ano, o rei instituiu a Imprensa Régia, o que garantia a exclusividade de impressão ao órgão real. Em seguida, surgiu a Gazeta do Rio de Janeiro. Não por amor a liberdade de expressão, mas pela necessidade de defender o Império de seus detratores deveu-se o gesto oficial. O *Jornal Correio Braziliense*, editado por Hipólito José da Costa, em Londres, é um exemplo da oposição que se fazia ao governo da época. A abertura dos portos às nações amigas foi outro fator de popularização de imprensa. A capital passou a ser abastecida de notícias sobre a conturbada política européia, além de receber livros e manifestos sobre a revolução francesa e os ideais democráticos. Isso contribuiu para estimular a tímida produção editorial brasileira. A imprensa local passou a ser permitida após o fim do monopólio da Imprensa Régia, em 1821. A facilidade de manuseio das prensas artesanais permitia que um indivíduo não muito especializado e com alguma aptidão conseguisse imprimir uma pequena tiragem. A tecnologia de impressão evoluiria no decorrer desse século, e se acelerou a partir da independência.

As primeiras gráficas foram instaladas principalmente nas províncias mais desenvolvidas do Império, como Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e Maranhão.

Como informa Sodré (1999, pg. 158), a técnica de impressão acrescentou características formais ao pasquim, apesar de seu limitado estágio tecnológico não permitir grande riqueza visual às publicações. No caso específico do pasquim, as características revelam simplicidade. A publicação tinha, em regra, quatro páginas, pelo preço de venda avulsa de quarenta réis. No caso de uma edição com o dobro de páginas, o preço também duplicava e atingia oitenta réis. O formato da folha era In-4°. Geralmente, todo o espaço da publicação era ocupado por apenas um artigo. Uma característica marcante dessas mídias era o uso de epígrafes. A partir delas, o leitor podia identificar a “proposta” de tal pasquim. As epígrafes eram criadas a partir de versos de poetas clássicos, como Camões e Virgílio, ou de discursos celebres de políticos e oradores, usualmente em latim e francês. Ainda segundo o autor, a falta de periodicidade foi um traço marcante dos pasquins. Não havia data certa para a publicação de um novo número, inclusive os próprios editores podiam anunciar a continuação de um exemplar para o momento em que isso fosse possível ou mesmo para quando houvesse verba disponível. É fato que a maioria dos pasquins não foi além do primeiro número. Apesar disso, essa mídia é considerada pelo estudioso como periódica.

Interessante notar que nem sempre era fácil encaixar um periódico em tal ou qual classificação. Segundo Sodré (1999, pg.159), as técnicas ainda pouco desenvolvidas eram utilizadas na criação de variados formatos, entre eles: o jornal, a circular, o panfleto e outros. Como esses também se prestavam a divulgar polêmicas e popularizar diatribes, a distinção entre os pasquins e os seus congêneres apresenta dificuldades. Apesar de já estar presente desde o início do séc. XIX, é a partir de 1821 que o fenômeno pasquineiro ganha força e as publicações se multiplicam. É certo que isso se deve a instabilidade política e institucional por que passava o país. A regência foi um período anárquico. O perigo da secessão rondava várias províncias brasileiras, de norte a sul. Os anos de 1832 e 1833, aqueles que sucederam a abdicação, são reconhecidamente os mais turbulentos dessa época. Apenas em 1832 foram publicados 35 pasquins. O revelador nesse número é que 14 das publicações

se posicionavam a favor do governo regencial, enquanto que 21, portanto a maior parte, eram da oposição. Nesse período, a política estava dividida em três partes: os liberais da esquerda, que constituíam a facção mais exaltada, os liberais de direita, que tendiam ao centro, e os conservadores, que desejavam a volta de D. Pedro I e a restauração do trono brasileiro.

Diferente dos pasquins, a caracterização dos blogs dá margem a ambigüidades justamente pelas incessantes inovações tecnológicas envolvendo o seu suporte físico: os computadores conectados à internet. Hoje, o equipamento necessário para se conectar a World Wide Web e criar um blog é acessível a uma pequena parcela da população. Segundo dados do site do IBGE ¹, no ano de 2003, 8 em cada 100 habitante possuía acesso a internet. Porém, esse número, em um universo de aproximadamente 180 milhões de pessoas, não deixa de ser significativo dadas as desigualdades da sociedade brasileira. É importante notar que o número de usuários da Net é tanto maior quanto mais elevada a classe social e o nível de vida da região pesquisada. Também a partir do portal do IBGE, constatamos que no Distrito Federal, unidade da república com maior número de acessos, 41% da população acima de 10 anos de idade acessou a internet no ano de 2005 num período de amostragem de 3 meses. O Yankee Group, estima em 42,3 milhões o número de usuários da Net brasileira para 2006, o que representa o triplo do número constatado em 2001. As inovações tecnológicas, tanto no caso do pasquim quanto do blog, permitem a produção literária e jornalística nos lugares mais remotos. Apesar de viável, essa possibilidade se constitui na exceção e não na regra. Um caso paradigmático dessa situação é citado por Sodré (1999, pg. 170). Ao ser deportado, o jornalista Cipriano Barata, já eleito governador pela Assembléia Constituinte da Bahia, para a Corte, em função da redação do combativo Pasquim *A Sentinela da Liberdade*, não se intimidou:

“Trouxe, entretanto, o incansável trabalhador, o jornal consigo. Não era difícil para ele. Publicou-o na fortaleza do Brum, na Ilha das Cobras, na fragata Niterói, em todas as prisões a que foi levado. Isso indicava facilidade para um preso político difundir as suas idéias...”

¹ [<http://www.ibge.gov.br>]

Ora, e o que dizer hoje dos laptops e os dispositivos que possibilitam a conexão sem fio com a internet? Conclui-se que não faltam meios que permitam a expressão de um jornalista, mesmo que esse se encontre preso ou foragido em um lugar distante. Um blog pode ser criado e atualizado mesmo em circunstâncias de alto risco, como um país em guerra. E a Internet já pode ser acessada de todos os lugares do mundo. É certo que as mudanças na tecnologia de informação foram tão rápidas e intensas, que ainda é difícil analisar todas as suas conseqüências na área jornalística. A pequena história na internet já testemunhou transformações demais para que alguém se arrisque a fazer afirmações definitivas.

Após um início caótico e precário, a internet se aperfeiçoou tecnologicamente e nunca deixou de incorporar inovações. Segundo Ferrari (2004, pg. 15), nos seus primórdios, a futura rede mundial de informações tinha características militares. O seu nome era Arpanet. O mundo na década de 50 do séc. XX vivia uma Guerra Fria entre duas potências hegemônicas: EUA e União Soviética. O medo de um conflito nuclear que resultasse na destruição de todo o mundo era muito forte e influenciava a maneira como as pessoas se posicionavam frente a realidade. Em 1969, para garantir a comunicação de emergência entre o sistema de defesa do país, uma organização do departamento de defesa norte americano, chamada Advanced Research Project Agency (ARPA), em colaboração com setores da comunidade científica, concebeu a Arpanet, rede nacional de computadores com o objetivo de descentralizar a rede de informações do país. Assim, se um local fosse atingido, não se perderia o total das informações. Porém, os equipamentos de informática existentes eram muito caros e de difícil manutenção. Não era incomum que um computador tivesse o tamanho de um carro de passeio. O que significava que a informática era assunto de especialistas e filmes de ficção científica. Com o passar do tempo, as inovações tecnológicas e o barateamento dos computadores foi aproximando a internet dos usuários comuns.

Em 1975, a Agência de Comunicações e Defesa tomou o controle da rede. A partir daí, a comunidade acadêmica passou a fazer parte de sua estrutura, colaborando para o desenvolvimento e expansão da agência. No fim dos anos 80, a rede já tinha se expandido consideravelmente, e englobava

muitas universidades e institutos de pesquisa por todo o país. Os terminais de acesso se localizavam nos laboratórios de informática, e o seu uso estava restrito ao corpo docente e alunos. Em 1989, Tim Berners Lee propôs à comunidade científica e acadêmica o formato da World Wide Web, a partir do desenvolvimento de um programa por ele escrito, chamado *Enquirer*. Finalmente, em 1993, o pesquisador Marc Andressen criou o *Mosaic*, primeiro Browser de navegação. A partir daí, a Net cresceu aceleradamente. Já em 1996, o número de usuários no mundo chegou a 56 milhões. No mesmo ano, os e-mails ultrapassaram as cartas escritas como forma de comunicação. Nesse contexto, o sistema operacional Windows, criado pelo norte americano Bill Gates, muito contribuiu para a agilidade de manuseio e acesso a NET. A interface gráfica substituía com vantagem os comandos da linguagem operacional MS-DOS, que utilizava comandos digitados para realizar tarefas, facilitando a utilização dos computadores.

Fatores históricos também contribuíram para a difusão do acesso à rede. O fim da União Soviética, ocorrida em 1991, acenou com drásticas mudanças na política mundial. A internet, enfim, podia ter outra finalidade além da militar. Além disso, os computadores pessoais se tornaram mais acessíveis ao grande público. Os problemas de acesso e compatibilidade, devido às limitações do acesso discado, foram sendo solucionados. A falta de uma hierarquia, característica da Net, contou a seu favor durante esse amadurecimento. Os problemas que surgiam iam sendo resolvidos pelos seus usuários, já que estes também eram seus criadores, em um processo horizontal de interação. Assim, a internet pouco a pouco se popularizou. Segundo o site Wikipédia², em 1993, a rede contava com 1,7 milhões de computadores conectados, esse número havia subido para 20 milhões em 1997. Um crescimento de mais de 1000% em apenas 4 anos! John Barger, o autor de um dos primeiros Frequently Asked Questions (Faqs), criou o termo Webloger em 1997. Ele mantinha o blog *Robotwisdom*, que possuía uma interface mais simples que as atuais. Em 2000, com o surgimento do permalink, o usuário podia referenciar uma publicação específica, e dessa forma chegar diretamente ao conteúdo desejado. A partir daí, os blogs adquiriram a feição atual. Para que se tenha uma idéia do

² <http://pt.wikipedia.org/wiki/weblog>, acesso em 20/08/2007

crescimento da Blogsfera (termo que designa a totalidade dos blogs existentes), em 1997 estimava-se em 50 o número de blogs. Hoje, eles são cerca de 70 milhões. Rapidamente, a comunidade blogueira cresceu, até que em 1999 surgiram empresas de softwares que automatizaram a publicação de material nesses meios. Um dos programas mais utilizados atualmente é chamado blogger. A sua inovação foi isentar o blogueiro de possuir maiores conhecimentos de informática para manter o seu diário virtual.

O jornalismo pouco a pouco passou a utilizar esse espaço digital. Após o primeiro momento de incerteza, quando muitos chegaram até a profetizar o fim do jornal impresso, apareceram os primeiros jornais on-line. Segundo Ferrari (2004, pg. 25), o pioneiro foi o *Wall Street Journal*, de Nova York, que em 1995 lançou a sua versão on-line. No mesmo ano, surge no Brasil a página virtual do *Jornal do Brasil*, sendo o primeiro do país. Logo em seguida, apareceu a versão on-line do Globo. Em seguida, a *Agência Estado* colocou no ar a sua página. A partir daí, começaram a surgir páginas virtuais de jornais de todo o país. Hoje, pode-se dizer que todo o território nacional está “coberto” de sites jornalísticos, já que até áreas remotas do país contam com publicações on-line. O desenvolvimento do espaço virtual brasileiro trouxe a diversificação de seu conteúdo jornalístico. Além de jornais, irromperam versões de revistas e periódicos dos mais diversos matizes. Por fim, surge o blog. Por ser uma mídia muito recente, a definição de blog ainda suscita polêmica. Mesmo a data de surgimento é questionada. Alguns sustentam que o primeiro blog foi o primeiro website, criação de Tim Berners Lee. Tais afirmações, porém, excessivamente “interpretativas” dificultam a identificação de uma história do blog.

3 Convergências e divergências dos meios

O primeiro ponto de convergência a ser observado entre os pasquins e os blogs jornalísticos é o fato de que ambos são fruto de iniciativas individuais. Todo o pasquim era escrito por apenas um indivíduo. Esse podia seguir a sua própria agenda, ditado por convicções pessoais, paixões políticas e idiossincrasias. De outra forma, o pasquineiro podia estar a serviço de mandantes, e a partir desses interesses “ocultos”, ele conceberia, imprimiria e faria distribuir o seu pasquim. Em ambos os casos, está presente a natureza solitária da empresa. O mesmo se dá com os blogs jornalísticos. Há uma grande variedade deles na internet, o que inclui diferenças estéticas e tendências políticas. Um blogueiro pode criar uma página e orientar o seu conteúdo de acordo com convicções pessoais. Da mesma forma que no pasquim, ele pode estar a serviço de outros interesses, que não devem ficar em evidência. De qualquer forma, a composição do conteúdo e a realização material do blog, ou seja, a resolução de seus aspectos técnicos, ficam a cargo do blogueiro. Para isso contribuem as inovações tecnológicas de ambos os casos. São elas que possibilitam a uma pessoa escrever todo o jornal. Claro que não é esse o único motivo. O contexto aonde se realizam essas atividades é um fator decisivo.

A época da produção editorial pasquineira foi palco de grandes agitações políticas. Se a chegada de D. João VI ao Brasil, portanto em 1808, é considerada como a data inicial das diatribes na imprensa, conclui-se que em um período de poucas décadas a então colônia passou por mudanças estruturais drásticas. De colônia a I Império, passando por 3 regências e então, com o chamado golpe da maioria, ao II Império, as terras brasileiras foram sacudidas por revoltas internas e disputas políticas. Foi esse contexto que exigia um meio de expressão à altura dos acontecimentos. Aquele foi um período revolucionário, e o pasquim representou uma pequena revolução na imprensa que surgia. Também os blogs surgiram em período conturbado. Nada se compara, em ansiedade e agitação, a uma atmosfera de fim de milênio. Não bastassem as previsões catastróficas e profecias, o mundo havia se acostumado ao medo da aniquilação nuclear. Isso tudo em um contexto de

crise de valores e mudanças culturais na sociedade ocidental. A década de 90 foi o *sprint* final de um século sangrento e início de um milênio insondável. Até os místicos anunciavam o fim de uma era astrológica que durara milênios. Nada seria como antes. Aí, apareceu o blog. Como na época dos pasquins, as inovações tecnológicas junto com as agitações sociais deram vida a um novo meio de expressão. De forma parecida, o fim da Regência trouxe, se não a felicidade geral, um período de relativa paz e estabilidade, e as polêmicas apocalípticas de muitos acabaram afundando no mar de serenidade do II Império. Já no fim da década de 90 do século XX, ficava claro que a revolução da informática ficaria aquém do desejado pelos indivíduos de maior imaginação. A esperança de que as inovações tecnológicas levassem a humanidade a uma utopia da informação foram nostalgicamente frustradas. Ferrari (2004, pg. 21), aborda com realismo essa questão:

Como se fosse uma anciã nostálgica do Passado, tentei desesperadamente concluir que as profecias otimistas do mundo globalizado, feitas pelos grandes pensadores do ciberespaço, como Manuel Castells, Nicholas Negroponte, Esther Dyson e Alvin Toffler não sairiam de moda junto com a nova economia. Estou convicta, no entanto, de que muitos ensinamentos positivos foram absorvidos pelo mercado e os ruins descartados.

O anonimato é outro ponto de convergência entre as mídias estudadas. O pasquineiro não dispunha, oficialmente, de liberdade para criticar as instituições de seu tempo, já que a mídia oficial era rigidamente controlada e em sua maioria a favor das instituições. Daí que o anonimato surgia como uma maneira de os jornalistas serem explícitos em suas opiniões, apesar desse sistema não ser garantia de sigilo para os polemistas. As prisões contra esses eram freqüentes, e ainda mais freqüentes eram as violências por eles sofridas. Os blogueiros procedem de forma análoga. Muitos são jornalistas que escrevem em jornais e revistas, e em busca de maior liberdade de expressão, criam a sua página virtual e um pseudônimo para não serem identificados. Nessa empreita, eles não são auxiliados pela mídia oficial. Ainda não se tem notícia de violências sofridas por algum mantenedor de blogs, muito menos de que algum deles tenha sido censurado por suas opiniões políticas. Porém, no

contexto da internet, o pseudônimo é usado muito mais em função do desejo de um jornalista criar um alter-ego, a partir do qual ele possa abordar assuntos diferentes daqueles que estão presentes em sua coluna assinada. Não é por medo de sofrer represália que os blogueiros procedem dessa maneira. O uso de um segundo nome permite que o jornalista adote um tom de maior intimidade quando escreve para os seus leitores. Assim, ele não se vê tolhido pela exigência da neutralidade jornalística. Para que fique clara essa diferença, leia-se um trecho do livro de Sodré (1999, pg) “A história da Imprensa no Brasil”, aonde ele relata o grau de violência suscitado pelas polêmicas públicas:

Na oficina de R. Ogier, à Rua do Ouvidor, 188, foram feitos vários pasquins: um dos mais conhecidos, atravessando a longuíssima existência de 4 números, foi o violentíssimo O Brasil aflito, de Clemente José de Oliveira, assassinado, em consequência de suas ações, pelo filho do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, então participando da regência. O irmão do futuro Duque de Caxias, sob cujas ordens serviria depois, em Minas e no Rio Grande do Sul, não teve meias medidas no revide as injúrias do pasquineiro: matou-o a golpes de espada, em acontecimento que abalou a corte.

Em alguns casos, o anonimato era questão de vida ou morte. No caso dos blogs, ainda não parece haver esse risco. É certo que os jornalistas blogueiros ainda não têm a credibilidade que poderiam desejar. Dessa forma, um post de um blogueiro anônimo, mesmo que traga uma crítica a um político influente, dificilmente irá suscitar uma reação tão violenta, já que essa informação não receberá muito crédito.

Não há dúvida de que os pasquins tinham características amadoras. As iniciativas vinham de indivíduos solitários, que não raro faziam todo o trabalho, desde a redação, até a edição, e a prensa. Como diz Nelson Werneck Sodré “De Fio a Pavio”. Nesse aspecto, eles convergem com os blogs. Estes são também iniciativas amadoras. Basta que um jornalista se conecte à rede e siga os procedimentos de criação da sua página virtual. Em princípio, não há necessidade de aprovação de um jornal ou de qualquer publicação de um grande grupo editorial. De fato, não há necessidade sequer de que um indivíduo seja um jornalista registrado ou que ele tenha obtido o diploma para

exercer a sua atividade. Considera-se, nesse estudo, todos aqueles que desempenham essa profissão. Nem seria preciso enfatizar que grandes jornalistas jamais obtiveram diploma. Aliás, no século XIX, a faculdade de jornalismo sequer existia no Brasil. Assim, a competência, a disposição e um pequeno investimento material permitem que um indivíduo escreva sobre a atualidade política num meio de comunicação de grande alcance, o que lhe dá a chance de ser lido e discutido. No caso de um jornalista contratado, as coisas mudam. O seu editor pode tentar controlar o que for veiculado no blog em questão. O controle acontece em função da confusão que pode surgir entre a opinião do jornalista e a linha editorial do jornal. Mas a iniciativa, em princípio, é amadora.

Os blogs, apesar de serem mantidos por um indivíduo, podem receber comentários de seus leitores, os chamados posts. Credita-se a hackers não identificados a criação e inclusão dessa ferramenta nas páginas dos blogs que não as ofereciam até o ano 2000, o que democratizou ainda mais o processo. Parece que o anonimato e a mídia independente, como no séc. XIX, andam de mãos dadas. O post é a atualização de um meio de correspondência existente entre os periódicos impressos aqui estudados e os blogs. Ele pode ser comparado ao que Sodré designa de “vala comum” dos pasquins, que eram as seções de correspondência. Esse espaço era destinado à contribuição externa, quando havia necessidade de completar o periódico com mais conteúdo. Devido à linguagem chula usada em seu conteúdo, o autor do livro o designa pelo título acima referido. Importante notar que os leitores podem, da mesma forma que o autor, manter o seu anonimato. Se os autores de diatribes públicas optam por não revelar a sua identidade, em função de possíveis represálias e pelo aspecto não oficial na empreita, menos ainda o farão os seus leitores, por certos indivíduos de índole menos temerária.

Outro ponto importante é a periodicidade. Os pasquins não tinham data certa para serem publicados. A continuação de muitos exemplares era anunciada pelos próprios editores para o momento em que fosse possível fazê-lo, condicionando a sequência dos números à disponibilidade de dinheiro, tempo ou oportunidade. Mesmo a sua orientação era, como define Sodré, “flutuante”, já que passava por diversas publicações. É um fato que a maior parte dos pasquins não passou do primeiro número. Os blogs apresentam

características semelhantes. Muitos deles passam bastante tempo, semanas ou meses, sem a atualização dos seus mantenedores. Muitos também não ultrapassam do primeiro texto, e logo são esquecidos entre as milhões de páginas virtuais da internet. A grande diferença está no modo de numeração, já que os blogs não seguem o sistema de números e edições das publicações impressas. É mais adequado falar em “atualizações”. Certamente para isso contribui o fato de que o objetivo dessas publicações não é, em princípio, dar lucro. Daí o fato de a periodicidade não ter importância. Assim que for o momento de acrescentar algo ao que já foi dito, ou de dizer algo sobre uma novidade, produz-se mais um número, ou se atualiza o blog.

Não se quer negar a possibilidade de um jornalista ter ganho material, direta ou indiretamente, com a sua produção intelectual. Mas é evidente que um panfleto impresso de forma irregular e amadora não seria promessa de lucro para um empresário do séc. XIX. O mesmo se aplica aos blogs. A auto promoção ligada à capacidade de gerar polêmicas pode levar um sujeito à glória ou a desgraça. A opinião, mesmo quando expressa com propriedade e embasada em sólido conhecimento, não é promessa de lucro. A existência de um grupo editorial que possa ganhar materialmente com o agendamento adequado de algum assunto não implica em que a atividade blogueira seja lucrativa para o seu autor.

Hoje, é difícil saber a quem os pasquineiros serviam, se é que serviam a alguém, ou a um grupo. Enquanto alguns pasquins incomodavam, apesar da invisibilidade de seus donos (ou por causa delas), nos blogs isso é raro. Os seus criadores, inexoravelmente, acabam por se identificar e nem por isso conseguem a repercussão que possam ter pretendido. Aqui há um ponto essencial nesse aspecto: a credibilidade. Porque os pasquins conseguiam criar muito maior repercussão do que os seus pares modernos? A questão da credibilidade é crucial para que essa pergunta seja respondida. As informações dos blogs não têm o mesmo crédito, ainda, das de outros meios de comunicação. A televisão e os jornais impressos têm a primazia na mídia. Daí a informação precisar ser “consagrada” por outros setores dos meios de comunicação para ter “fé pública”, usando o termo de forma aproximativa. E o anonimato virtual contribui para esse descrédito. O leitor leva em consideração as notícias de grandes veículos capazes de criar polêmicas e produzir

consensos entre uma população. Nesse panorama, a notícia online, que já ocupa um papel secundário na cadeia de informação, perde ainda mais por não ter interlocutor identificável. Pergunta-se não apenas “aonde saiu” tal notícias, mas “quem disse”. Porém, essa situação pode se alterar. A mídia online é muito recente, e ainda não se pode avaliar o impacto que terá nos próximos anos. Ao menos a sua definição já está disponível no site de Informação Wikipédia³

Um weblog, blog ou blogue é uma página da Web cujas atualizações (chamadas posts) são organizadas cronologicamente de forma inversa (como um diário). Estes posts podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, referir-se ao mesmo assunto ou ter sido escritos pela mesma pessoa.

A título de comparação, deve relacionar o significado anterior com a Definição de “Pasquim” segundo Holanda (ano 1994, pg.1276)

“Pasquim [do It. Paschino]. S.M. 1. Sátira afixada em lugar público. 2. Jornal ou panfleto difamador [Sin. *Pasquinada*].

Como se vê, este é um conceito abrangente. Quantos jornais ou panfletos podem ou não ser difamadores, e mesmo assim não se encaixarem na classificação de pasquim? Deve-se levar em conta que esse veículo surgiu num momento em que a própria imprensa brasileira se organizava. A distinção entre os diversos formatos de periódicos, que surgiam e desapareciam ao sabor das circunstâncias, contribuem para essa ambigüidade editorial. Quando se observa a curta história do blog, conclui-se que ele já se modificou bastante, e é de se esperar que as mudanças não cessem muito cedo, já que a essas deve-se a própria essência do tempo em que ele foi criado. A observação dos títulos de ambos os meios estudados serve para estabelecer um paralelo estilístico entre eles. No caso dos pasquins, temos: *O Doutor Tirateimas, O Ferrabrás da Ilha das Cobras, A Trombeta dos Farroupilhas, A Marmota, Limão de Cheiro, O Burro Magro e a Rolha*. E nos blogs nos temos: *O Barnabé, O*

³ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>

Xingatório da Imprensa, O Biscoito Fino e a Massa, Ruy Goiaba, Boing Boing, Farsantes, Leite de Pato, Cocada da Boa e outros. São títulos diferentes dos usados na chamada imprensa oficial, e revelam uma postura de crítica social e ironia.

A influência do contexto político no surgimento dos pasquins se revela em outra característica marcante de seus criadores: O jacobinismo. Entendemos aqui o jacobinismo como postura política revolucionária e combativa, caracterizada pelo nacionalismo exacerbado. Não é por acaso que essa postura dava o tom de muitas polêmicas jornalísticas. A transição política de uma colônia em Império bastaria para suscitar discussões sobre qual seria a melhor forma de governo. A isso, porém, deve-se acrescentar a questão dinástica. A família real, para muitos brasileiros, nada mais era que a defensora dos interesses portugueses no país, o que seria o mesmo que apoiar os estrangeiros em detrimento dos nativos. O patriotismo jacobino de alguns pasquineiros beirava a xenofobia em relação aos lusos. Por outro lado, a monarquia ainda era muito estimada por grande parte da população. Os Bragança eram vistos como modelo de nobreza e virtude mesmo pela população mais pobre. A transição política em questão, qualquer que fosse o resultado, exigia uma ruptura com o passado. O jacobino pasquineiro devia muito de sua formação intelectual aos pensadores que inspiraram a revolução francesa, como Voltaire, Diderot, Montesquieu e, claro, Maquiavel.

Aí está um ponto de discordância entre os blogs e os pasquins. Os primeiros não se restringem apenas a um tema político, mas abordam uma grande diversidade de assuntos que podem ou não se relacionar com ele. Mesmo tratando de política, não se observa nos blogueiros jornalistas uma postura tão radical e combativa quanto a de seus pares do séc. XIX. Os assuntos são tratados com uma linguagem simples e objetiva, e as personalidades públicas não são abordadas de forma francamente humilhante. Silva & Rodrigues (1994, pg. 34) ilustram a linguagem empregada em um grupo de cartas publicada pelo jornal *Gazeta da Tarde*, cujo conteúdo se referia a figura de D. Pedro II. Os escritos foram creditados ao diplomata Antônio do Rego Macedo.

“O Imperador do Brasil está a fazer 60 anos [...] quem o vê dar-lhe-á 80 [...] não foi bonito em moço, e muito menos agora que está velho [...] Não tem a menor elegância em qualquer ato. Os seus olhos são pequenos, inertes, indício de falsidade [...] No conjunto, visto de perfil, parece uma castanha de caju. A natureza dotou-o de inteligência pouco vasta [...]. O resultado da educação que recebeu tem-se revelado em quarenta anos de reinado, durante os quais o Sr. Pedro II há sempre mostrado em que falsos princípios foi criado”.

Esse exemplo dá idéia da linguagem empregada pelos jornalistas da época. Deve-se lembrar que o Brasil vivia em pleno II império, e o alvo das críticas era ninguém menos do que o Imperador do Brasil! Apesar de não ter sido publicado em um pasquim, o texto evidencia que a livre expressão do pensamento não é uma necessidade recente, e nada mais natural do que a busca dos blogueiros em praticá-la. No entanto, quando alguns dos grandes jornais, como *O Globo On-line*, passa a incluir blogs de jornalistas em seus sites, a velha relação patrão empregado está de volta, mesmo que esses desfrutem de liberdade de expressão. Os pasquineiros não sofriam mais que as restrições materiais de sua produção, já que eles mesmos eram os editores.

Deve-se citar o uso das epígrafes como característica dos pasquins. Tanto em prosa quanto em verso, essas sentenças se relacionavam com o conteúdo do periódico em questão. Eram comuns citações de poetas como Virgílio e Bocage, e de escritores e intelectuais, como Benjamim Constant e M. Thomaz. A epígrafe também podia ser de autoria do próprio pasquineiro, a exemplo da que aparece no periódico intitulado *O Beija-Flor*, onde se lia logo abaixo do título: *“No meio de disputas tão azedadas e que todas versam sobre a política, os leves divertimentos da mera literatura não cativam suficientemente a atenção”.* As epígrafes também podiam trazer paródias e deturpações de frases e sentenças célebres. Em geral, essas eram escritas em latim e francês. Os blogs jornalísticos, em geral, não são tão assíduos no uso de epígrafes. Muitos nem o utilizam. São usadas como epígrafes frases de escritores célebres ou sentenças criadas pelos próprios blogueiros. A diferença fica por conta da simplicidade e despojamento na linguagem empregada. Também não se utilizam versos. A título de comparação, pode-se citar o site

Kibe loco⁴. Logo abaixo do título da página, lê-se uma pequena frase satírica. O resultado total é o seguinte: *Kibe Loco, a verdade é acida e o Kibe é Cru*. O efeito é satírico, e dá uma idéia do conteúdo do site, voltado à crítica da política e de figuras públicas, assim como observações sobre a sociedade. Efeito semelhante será encontrado no pasquim do séc. XIX *O Enfermeiro dos Doidos*. A epígrafe utilizada nesse caso complementa o título de forma satírica, sendo a sentença total a que se segue: *O Enfermeiro dos Doidos / Não cabe no hospício os que conheço / Que remédio senão curá-los fora?*

As sentenças em latim parecem não combinar com a natureza anárquica da internet. Afinal, não se pode esperar que o internauta perca tempo interpretando os possíveis significados de um verso de Virgílio. Dos blogs consultados, nenhum trazia sentenças em latim. Predomina o idioma do autor do blog, e no caso de haver uma segunda língua, a vantagem do inglês é óbvia, por ser essa a língua franca da atualidade.

Finalmente, deve-se sublinhar um ponto em comum entre os meios estudados: a ironia. Como a grandiloquência não combina com o espírito do jornalista pós-moderno, é o deboche e a piada que ligam o jornalismo autoral pós-moderno com o seu predecessor romântico. Muito úteis para esse estilo são as charges e caricaturas. O célebre ilustrador Angelo Agostini (1833-1910), conhecido pelas suas folhas ilustradas, dentre as quais destaca-se o *Diabo Coxo*, de 1864, o *Cabrião*, de 1866, a *vida Fluminense*, de 1868, o *Tico-Tico*, de 1905 dentre outros, é um exemplo de jornalista que combina arte com crítica social. Agostini foi um pioneiro na arte da ilustração jornalística e precursor da história em quadrinho. O artista ironizava os costumes e as grandes personalidades de sua época utilizando apenas as tintas e prensas rudimentares. Os modernos artistas gráficos, além de usufruírem de uma melhor tecnologia de impressão, podem contar com as facilidades do jornal online, como as fotografias virtuais e os vídeos. Essas inovações enriquecem a parte gráfica dos blogs, além de constituírem grande vantagem em relação aos seus pares do séc. XIX. Mesmo sem dispensar o pincel e a prancheta, o artista moderno tem mais recursos a sua disposição. Um exemplo é o jornalista Millor Fernandes. Reconhecido pela qualidade de seu trabalho como artista gráfico,

⁴ <http://www.kibeloco.com.br>. Acesso em 10/10/2007

⁵ele tem no seu site “Millor Online, enfim um escritor sem estilo”, muito mais recursos à sua disposição. É a evolução tecnológica que fornece ao homem novas ferramentas de trabalho e expressão.

⁵ <http://www2.uol.com.br/millor>. Acesso em 14/10/2007

4 O retorno do jornalismo autoral

A crítica e as polêmicas criadas e propagadas pelos meios de comunicação parecem acompanhar o espírito humano ao longo de sua história. Apesar da evolução das ferramentas de comunicação, a essência dessa atividade permanece: a expressão oral de um indivíduo por meio de uma mídia que esteja ao seu alcance. É certo que o contexto aonde o comunicador vive influencia sobremaneira a sua atividade. Uma cultura, em determinada época, pode favorecer ou dificultar o trabalho dos comunicadores. Mas a presença da necessidade de expressão ultrapassa limitações geográficas e temporais. Em meio a uma infinidade de meios e modos de expressão, o pasquim e o blog surgem como ferramentas adequadas à expressão jornalística, já que essa zela, em princípio, pelas questões de ordem pública. Nada mais apropriado para a expressão de jornalistas e polemistas dispostos a arriscar a vida pela autoria de uma tirada maliciosa ou por expor algum desafeto ao ridículo.

Ao se analisar a história da expressão humana, verifica-se que muitos artifícios utilizados na atividade jornalística não constituem novidade no mundo da palavra escrita. O pseudônimo, por exemplo, é marca de muitos poetas e escritores desde a Grécia antiga. Mas o recurso não era usado simplesmente como forma de se proteger de um inimigo ou da hostilidade pública. O período da decadência grega, quando a religião pública entrou em descrédito, testemunhou a valorização da expressão individual. Nesse momento a poesia deixa de ser uma criação coletiva, a exemplo da Odisséia, e passa a ser uma forma de expressão particular. O nome fictício tem aí o objetivo de ser uma máscara, a partir da qual a mensagem do emissor possa ser interpretada em função de sua nova personalidade. Tanto os pasquins quanto os blogs jornalísticos utilizam esse recurso. No primeiro caso, o artifício está mais evidente já que tanto a escrita quanto a persona pública do jornalista tinham características mais literárias, no sentido em que esse termo se liga às correntes estéticas e comportamentais. No início do séc. XIX, o romantismo ditava as regras da produção literária brasileira. Daí, explica-se a escrita floreada usada nos periódicos, assim como a postura extremada de seus

criadores. Não é por acaso que o apuro da linguagem atraísse para os jornais muitos homens de letras e escritores em busca de um meio de trabalho e reconhecimento. Um deles, cuja estréia no jornal *A Marmota* ocorreu em 1855, foi ninguém menos do que Machado de Assis. Os seus versos intitulados *Chrysalidas*, foram escritos em homenagem a D. Pedro II, como uma forma de expressar a admiração do então aspirante a escritor, que contava 16 anos de idade. Já no tempo dos blogs, ou seja, fim do século XX, o panorama artístico passa por uma crise de identidade. Após o modernismo, veio o pós-modernismo, que aparenta ser mais uma interrogação do que uma escola estética. A literatura dessa época, depois da obsessiva busca de alguns autores modernos pelo despojamento verbal como Ernest Hemingway nos Eua e Carlos Drummond de Andrade no Brasil, e por outro lado, da laboriosa criação semântica que em casos como James Joyce e João Guimarães Rosa inventaram novas línguas literárias, a expressão cotidiana é despojada e anti-romântica.

No caso do jornalismo escrito, a necessidade de objetividade e fidelidade a um fato exige uma linguagem simples, e para que o leitor seja informado com exatidão sobre os fatos do cotidiano, a escrita deve ser clara e despojada de ambigüidades. Os blogs seguem o padrão do jornalismo atual, e prezam por uma escrita sem floreios. A expressão de opiniões com clareza e precisão parece avessa à hipérboles e adjetivação excessiva. Porém, é importante notar: quanto mais os textos servem a diatribes e polêmicas, mais o vocabulário passa a exigir floreios e expressões bombásticas, e para isso o romantismo se casou adequadamente com o pasquim. Aqui, a frase de Marshall McLuhan parece se encaixar perfeitamente: o meio é a mensagem.

O número de jornalistas e polemistas aumenta em função dos meios disponíveis e da liberdade de que desfrutam em sua sociedade. Não é apenas a evolução dos meios tecnológicos que possibilita a evolução dessa atividade. Se nos períodos de mudança as polêmicas recrudescem e os homens se dividem em conflitos, o jornalismo teria mesmo que ser fruto do mundo contemporâneo: há mais de três séculos o Ocidente vive de uma ruptura a outra. Assim, não faltam polêmicas nem polemistas. Ao se traçar uma linha de continuidade, cada época traz uma nova possibilidade de expressão e divulgação de idéias que, se inicialmente está fora de controle, pouco a pouco

é controlada e posta sob a supervisão de algum poder moderador. O mesmo pode-se dizer de países que ostensivamente controlam os acessos à Internet. A China, por exemplo, tem uma regulação rígida sobre o assunto. Porém, outros países são acusados de vigiar o tráfego de dados indiretamente, a partir de seus serviços de informação. As tentativas de governos totalitários de controlar a rede em nome da segurança nacional são vistas como uma forma de controle. Porém, não há dúvidas de que a capacidade de alguns usuários e hackers de burlar os mecanismos de controle virtual equilibram a relação entre controle de informação e liberdade de expressão.

Enfim, a contestação política atual não deve ser compreendida apenas no contexto de fatos relacionados ao mundo político. Os escritos do gênero podem ser entendidos a partir do questionamento da cultura, já que esta há muito se tornou alvo de crítica especializada. A revolução cultural, como proposta pelo pensador italiano Antonio Gramsci, faz do questionamento da realidade um ato político. Assim, as observações de jornalistas que se mantêm anônimos sobre a sociedade e os modos de um tempo são também, nesse sentido, políticas. Um blog não precisa tratar diretamente dos fatos da semana em Brasília para estar falando de política. A moral, a religião, os costumes: todos se tornam objeto de discussões. Um bom exemplo é o blog *Radical, Rebelde, Revolucionário*,⁶ mantido pelo jornalista Alex Castro. No blog, há textos sobre fatos do cotidiano, comentários sobre livros e filmes, além da correspondência trocada entre o autor e os seus leitores. É certo que não faltam comentários sobre a atualidade política, porém a interpretação política de obras artísticas não era feita na época dos pasquins. Karl Marx escreveria o seu Manifesto Comunista em 1848, e os seus sucedâneos ligados a crítica cultural, como a Escola de Frankfurt, surgiriam apenas séc. XX. Fica em comum a expressão da opinião sobre um assunto, e nesse exercício, os blogueiros são tão passionais e personalistas quanto os seus antecessores. Mesmo se o assunto de um texto for um filme, como ocorre no blog acima citado, a política está subjacente.

Vale notar que a natureza democrática de ambos os meios, não era e não é suficiente para que todas as classes sociais participem da empresa

⁶ <http://libertárioribertinoblogspot.com/> Acesso em 28/08/2007

jornalística. Um exemplo típico pode ser encontrado no jornalista Borges da Fonseca. Apesar da dificuldade com que manteve o seu *Republico*, esse polemista estava muito longe de representar o grosso da população brasileira da época, em sua maioria analfabeta e sem acesso a informação. O caso dos pasquins parece ecoar a lógica das revoluções que, em nome de ideais populares, acaba por criar situações paradoxalmente menos igualitárias.

O Jornalista Ricardo Noblat, mantenedor do Blog do Noblat,⁷ é um dos profissionais mais destacados da imprensa brasileira atual e um exemplo de que a credibilidade jornalística independe do meio utilizado. A sua página recebeu a 1º posição no ranking de diários virtuais em uma lista publicada a partir das estatísticas do site norte-americano *Technocrati*,⁸ Outro blog que segue esse padrão é a página do jornalista Josias de Souza, intitulada: *Blog do Josias, nos bastidores do poder*,⁹ Respeitado articulista da Folha de São Paulo, o jornalista é reconhecido pela precisão de suas análises e por uma sólida carreira na imprensa. Fica evidente que a formação adequada e um histórico reconhecido contribuem para o reconhecimento de um blogueiro. É certo que não faltam blogs de jornalistas iniciantes ou mesmo de veteranos na Net. Porém, o fator credibilidade aparece como divisor de águas entre aquilo que vai ser lido e o que não vai.

Os blogueiros, apesar do caráter supostamente “democrático” da Net, não dispõem de tanta liberdade de expressão quanto poderiam desejar. De fato, eles estão submetidos a uma hierarquia. Os sites oficiais dos jornais obedecem ao mesmo sistema de uma redação de jornal. Muitos jornalistas procuram os blogs com o objetivo de expressar suas opiniões e idéias utilizando uma linguagem que não será impugnada pelo editor ou pelo espaço reservado a propaganda. De fato, mesmo os blogs mantidos por jornalistas vinculados as páginas de um site tendem a ser controlados. Alguns até são proibidos de fazê-los pelo editor. A saída, para o jornalista em atividade, é usar um pseudônimo e criar o seu blog. Isso não impede que o blog seja lido e tenha credibilidade. A diferença é que os blogueiros anônimos fornecem notícias que serão

⁷ <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/> Acesso em 29/08/2007

⁸ <http://technocrati.com/> Acesso em 29/08/2007

⁹ <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br> Acesso em 29/08/2007

confrontadas com àquelas de blogs onde a identidade do autor é explícita. Enfim, essas informações servem como fontes de pesquisas.

Um bom exemplo é o blog Vizinho do Jefferson. Disponível em <<http://vizinhodojefferson.blogger.com.br/>> Acesso em 19/09/2007. A identidade do “Vizinho” não é revelada, e os seus posts apresentam comentários tão relevantes sobre o mundo político quanto outros blogs ou mesmo jornais, porém a falta da assinatura o faz menos divulgado que os seus pares. Fica uma questão no ar: Mas quem está dizendo isso?

É importante notar que o anonimato não ocorre apenas em função das possíveis retaliações políticas, jurídicas ou pessoais, mas da necessidade do autor adotar um tom confessional e intimista sem ter a sua imagem revelada. Numa época de linguagem politicamente correta como a atual, uma palavra mal empregada pode ser considerada um ato de racismo. Essa autocensura, não apenas de jornalistas, mas de toda a sociedade, faz eco com os tempos do pasquim. Naquele momento a literatura passava pelo período do Romantismo, movimento que, por suas características, enfatizava o mergulho na subjetividade, o que no trato social resultava no individualismo e na postura de revolta contra os valores estabelecidos. No caso específico da cultura brasileira, em que o movimento chegou com certo atraso em relação a outros países, e veio sobretudo por meio da sua leitura francesa, impregnada pela filosofia de Jean Jacques Rousseau e do mito do bom selvagem, o exacerbamento idealista se confundia com as correntes nativistas, que procuravam valorizar o apego a tradições nacionais. Isso aumentava a antipatia pela figura do português, considerado por muitos pasquins como estrangeiro, o que aumentava a tensão política contra a dinastia dos Bragança. Interessante notar que, por oposição, essa situação convivia com o movimento romântico, que parecia compensá-la com a afirmação marginal dos ímpetus incontroláveis da alma humana. Candido (pg. 341, 2006) ilustra a influência dessa escola literária na escrita que se praticava na época:

Olhando em conjunto o movimento romântico nas literaturas do Ocidente da Europa e nas que lhe são tributárias, como a nossa, temos a impressão de um novo estado de consciência, cujos traços porventura mais salientes são o conceito do indivíduo e o senso de história.

Por isso, individualismo e relativismo podem ser considerados a base da atitude romântica, em contraste com a tendência racionalista para o geral e o absoluto.

Mais de um século depois, por incrível que pareça, quando muitos profetizavam o fim da história ou a chegada de um utópico “futuro”, ainda se pode prender pessoas que usem certas palavras. Aqueles que se propõem a seguir na linha dos grandes jornalistas do passado, como Joel Silveira, Carlos Lacerda e Paulo Francis, podem se ver cerceados. A rede parece avessa a personalidade histriônica e a vôos poéticos. Não se pode negar que isso ocorre em função de um fenômeno da atualidade: o politicamente correto. Toda a linguagem está impregnada de novos vocábulos supostamente mais apropriados ao uso corrente do que os seus correspondentes consagrados pela tradição oral. Daí que se prefira termos como “afro americano”, no caso da sociedade norte americana. No Brasil, exclui-se termos como “preto” para designar um indivíduo de raça negra (apesar do conceito de raça ser duramente criticado), “bicha”, para tratamento de indivíduo homossexual, só para ficar em alguns exemplos. É digno de nota que muitos pasquins que surgiram em meados do século XIX para denunciar a injustiça social brasileira levasse nomes como: *O Crioulo, o Mulato, O Crioulinho, O Homem de Cor*. O interessante é que esses títulos eram de pasquins que se propunham a defender o direito dos negros escravos e da parcela mais pobre da população.

Não é por acaso que uma das publicações de maior destaque na imprensa brasileira durante o período da ditadura militar brasileira tenha sido batizado com o mesmo nome de um dos veículos analisados nesse estudo. O *Pasquim*, agora como nome próprio, reunia os jornalistas mais talentosos de sua geração, Tarso de Castro, Jaguar, Millôr Fernandes, Ziraldo, Paulo Francis, Ivan Lessa e outros. O jornal fazia uma crítica inteligente e bem humorada ao regime de exceção vigente no país, além de realizar entrevistas que marcaram época pela informalidade com que os entrevistados eram tratados e pela ousadia dos temas abordados. A parte gráfica do *Pasquim* apresentava, além de desenhos e caricaturas, as fotomontagens, por certo uma inovação, levando-se em conta o meio aonde ela era utilizada. Interessante notar a característica amadora e muitas vezes precária dessa publicação. Diferente de seus predecessores do século XIX, o *Pasquim* possuía fartos recursos a sua disposição, e as edições eram publicadas com muita regularidade. Porém,

muitos de seus redatores foram presos e intimidados. Não era para menos, já que o jornal surgiu em 1969, quando já estava em vigor o Ato Institucional nº 5 (AI-5), decreto que restringia as liberdades políticas e os direitos civis. Porém, o moderno *Pasquim* durou bastante, atingindo 1072 números, publicados durante pouco mais de 22 anos. O improviso e a espontaneidade da publicação ficam claras nas palavras do cartunista Jaguar (2006, pg. 7).

Por que tablóide? Fizemos uma pesquisa entre os colegas de jornal e a maioria opinou que o leitor brasileiro não gosta do formato. “Então vai ser tablóide”, decidimos. Aliás, ninguém levava fé, achavam que seria mais um jornalzinho de bairro. O lançamento foi no dia 26 de junho de 1969. Cinco meses depois, demos uma festa para comemorar os cem mil exemplares. (...) E foi assim que, repito, por acaso, o Pasquim tirou o paletó e a gravata do jornalismo brasileiro.

Fato é que ninguém ainda foi preso por delito de opinião em um blog jornalístico brasileiro. A vigilância espreita tanto usuários comuns quanto blogueiros, e esses não parecem muito dispostos a testar os limites da lei. A legislação usada na Net segue a empregada no jornalismo. Casos como imputação de crime, calúnia, e difamação estão sujeitos a processo. Hoje, é cada vez mais difícil escapar da vigilância eletrônica. Os computadores são rastreados, e um internauta que se pretendia anônimo, pode ser achado. Era comum no tempo dos pasquins que os seus criadores fossem perseguidos, agredidos e presos. Hoje, o anonimato na Net, apesar da sua complexidade, está ao alcance dos especialistas em informática.

Porém, deve-se admitir que os escritos virtuais ainda não colocaram em risco os alicerces da República. Surge aí um paradoxo: Apesar do grande volume de informações disponíveis na internet, poucas delas são realmente capazes de lançar uma crise num país. O que nos leva a crer que os pasquineiros tinham maior acesso a informações potencialmente perigosas, e os seus pares modernos, apesar de melhor equipados, não as têm, ou se as têm, não as divulgam. A imagem do jornalista combativo, aquele que arrisca a vida para expressar a sua opinião ou revelar um fato de interesse público era recorrente no início do séc. XIX. Nesse sentido, três nomes devem ser citados como paradigmas de pasquineiros e jornalistas: Cipriano José Barata de

Almeida, João Soares Lisboa e Luis Augusto May. Silva e Rodrigues (1994, pg. 15) os citam como figuras essenciais da cena jornalística brasileira de meados do séc. XIX. O primeiro, em função da atividade jornalística desenvolvida no pasquim *A Sentinela da Liberdade*, foi processado e preso. Lisboa, por sua atividade no *Correio do Rio de Janeiro*, era temido por seus escritos e tiradas inteligentes. O redator do Pasquim *A Malagueta*, Luís Augusto May, chegou a ser agredido em sua própria casa, mesmo já eleito deputado federal. Sodré (1999, pg. 166) também dá destaque a Antônio Borges da Fonseca, redator de *O Republico*, o qual foi editado e distribuído com grandes dificuldades e revezes legais, o que era comum para os polemistas da época. Porém, a lista de jornalistas intimidados segue e é numerosa. O século XX no Brasil também foi palco de perseguições a jornalistas. É certo que essa classe não tem sido poupada da violência por parte de regimes de exceção. A morte do jornalista croata naturalizado brasileiro Vladimir Herzog (1937-1975) em plena ditadura militar é citada com freqüência como exemplo do sacrifício de um jornalista em função da busca da verdade. Herzog, morto nos porões da ditadura, combatia um regime que praticava a censura e controlava a atividade jornalística. Outra vez, observa-se o indivíduo que se coloca contra os poderes constituídos e acaba sofrendo as conseqüências do uso imoderado do poder.

Silva e Rodrigues (1994, pg.11) mencionam outro episódio trágico, ocorrido no século anterior, que se tornou emblemático no meio jornalístico por exemplificar a relação conflituosa entre os jornalistas e os poderes estabelecidos: o assassinato do jornalista Libero Badaró (1798-1830). No dia 20 de novembro de 1830, o jornalista foi alvejado por um tiro de pistola, e veio a falecer horas depois. Segundo testemunhas, as suas últimas palavras teriam sido “Morre um liberal mas não morre a liberdade”. Melo (2003, pg.146) ao abordar a questão da liberdade de imprensa no Brasil, parece fazer eco às palavras de Badaró, já que a liberdade, de fato, não “morreu”, apesar de muitos jornalistas terem perecido para mantê-la viva através da história. Diz ele:

Fazendo um balanço da liberdade de imprensa no Brasil independente, do período Monárquico ao período republicano, temos necessariamente de reconhecer que a sua vigência constituiu capítulo singular da luta da cidadania para a consolidação do regime democrático em

território nacional. Poderíamos afirmar, sem sombra de dúvida, que tivemos uma convivência atribulada com a liberdade de imprensa, alterando movimentos caracterizados pelo seu pleno exercício com interregnos em que a censura do governo impôs-se a sociedade.

É preciso lembrar que a maior parte do povo brasileiro ficava à margem dos acontecimentos políticos e das polêmicas dos jornais. O Brasil era um país predominantemente agrário e a maioria da sua população era analfabeta. No entanto, o aumento do nível de escolaridade do brasileiro observado durante o século XX, em conjunto com a popularização dos meios de informação não significam necessariamente que uma população esteja melhor informada. O filósofo Jean Baudrillard, em seu livro *Á Sombra das maiorias silenciosas*, aborda a questão da alienação do indivíduo na sociedade moderna e o papel que os meios de comunicação de massa desempenham nesse processo. Em função do crescimento do sistema midiático global, a sociedade passa a estar submetida um constante bombardeio de símbolos e mensagens cujo conteúdo ela mal consegue decodificar. Baudrillard (2004, pág. 32) disserta sobre as massas do mundo moderno, e a sua incapacidade de se articular, assim como da sua falta de sensibilidade para o que se passa ao seu redor.

Bombardeadas de estímulos, de mensagens e de testes, as massas não são mais do que um jazigo opaco, cego, como os amontoados de gases estelares que só são conhecidos através da análise do seu espectro luminoso – espectro de radiações equivalente às estatísticas e sondagens. Mais exatamente: Não é mais possível se tratar de expressão ou de representação, mas somente de simulação de um social para sempre inexprimível e inexprimido.

A partir do livro de Baudrillard, conclui-se que os indivíduos não estão em conflito apenas com os poderes estabelecidos, mas vivem em choque com o próprio sistema de comunicação que, em vez de informar, pode também desempenhar o papel inverso, alienando o público de fatos e assuntos cuja divulgação poriam em risco o consenso mudo das “maiorias silenciosas”.

Por oposição, são essas mesmas tecnologias que prometem facilitar a expressão individual dos novos jornalistas. Os blogueiros não precisam se

prender à palavra escrita, já que dispõem de tecnologia on-line de áudio e vídeo, o que lhes permite “falar” para os seus leitores, acrescentando dinamismo na relação entre público e jornalista. O blogueiro também pode gravar e divulgar imagens que completem o sentido do seu texto, ou mesmo gravar o seu próprio noticiário. Levando-se em conta a característica anárquica e sincrética da internet, pode-se dizer que todos os meios serão usados conjuntamente de maneira a permitir a livre expressão dos modernos pasquineiros.

O fenômeno dos pasquins, assim como o dos blogs, ocorreu e ocorre num momento de crise não apenas social e política, mas dos próprios meios de comunicação. A diferença é que no caso dos primeiros, a atividade se realizava em um momento de criação e definição de um estado nacional. Ao deixar de ser colônia portuguesa, o Brasil precisava não apenas de independência econômica e política, mas de uma noção de identidade que a distinguisse e legitimasse perante as outras nações. Hoje, o Brasil enfrenta uma grave crise institucional, na qual a sua integridade como nação é ameaçada. Levando em conta as inovações tecnológicas na mídia e o contexto onde elas ocorrem, todos os fatores para uma nova imprensa pasquineira já estão disponíveis.

Para ilustrar a relação entre o jornalismo e o seu meio social, uma reflexão de Francis (1997, pg. 144), marcada pelo pessimismo e que beira a arrogância, é adequada para a finalização desse trabalho, já que ecoa as reflexões de Baudrillard sobre a relação entre os meios de comunicação e as massas:

Jornalismo está num baixo tremendo. Oscila de tentativas de agradar a ralé a propaganda. É o jornalismo-rinoceronte à la Ionesco. Bajular a massa não a ensinará a ler. Deve haver muita gente que gostaria de ler palavras civilizadas. Não está sendo atendida.

Conclusão

O impulso do homem em criticar as instituições e os homens de seu tempo, quando não raro a si próprio, é algo inerente à sua natureza. O que muda, e é nesse sentido que deve ser entendido o presente trabalho, são os instrumentos que permitem essa prática tão antiga. Tanto os pasquins, no século XIX, quanto os blog jornalísticos no século XX, foram e são as ferramentas de trabalho que permitem o exercício do jornalismo autoral. Assim, deve ser dito que o fenômeno não é novo, e sim os meios que o possibilitam. Desde o teatro grego até o *Times Literary Supplement*, os “chatos” apuram o seu olhar e vão além da superfície das coisas com o objetivo de trazer à tona o que passa despercebido pela maioria.

Se os momentos de maior tensão e ruptura parecem fazer aflorar nos jornalistas uma audácia e inventividade fora do comum, são neles que as maiores arbitrariedades são cometidas, o que deixa um triste legado de violência e injustiça. Porém, nos períodos em que existe liberdade de expressão e a atividade jornalística é regulamentada e protegida, parece haver uma acomodação aos padrões ditados pelos meios de comunicação. A individualidade e as paixões do profissional da imprensa parecem arrefecidas sob as exigências do profissionalismo e da objetividade.

Se, como já foi demonstrado, são nos tempos de crise e inovação tecnológica que o jornalismo individual se manifesta, todos os elementos para que uma nova imprensa pasquineira floresça já estão disponíveis. Materialmente, a nova imprensa on-line cresce dia a dia. Espiritualmente, os jornalistas se debelam e voltam as costas para as grandes empresas de comunicação. Politicamente, o mundo está na iminência de uma nova ordem mundial que promete modificar radicalmente a realidade política e social em que vive o homem. Nesse contexto, o ofício do jornalista não se restringe a uma realidade local ou nacional, mas a um novo esquema mundial e para isso, é necessário um jornalismo que não conheça fronteiras. Esse novo “Pasquim Global”, criado a partir dos blogs jornalísticos, cresce e toma forma dia a dia na

Internet. É certo que ele não terá uma forma fixa, da mesma maneira que os seus pares do século XIX.

Sem dúvida, os blogs têm grande capacidade de gerar discussões e trazer à tona informações relevantes em um determinado contexto. Um ponto decisivo, o contexto em que o jornalismo individual será exercido, definirá a relação dessa nova mídia com o *establishment* político. Apesar de não ser possível prevê-lo com exatidão, tudo indica que esse novo contexto trará mudanças e discussões sobre a organização do mundo em que vivemos, o que faz da antiga atividade dos pasquinhos algo inevitável. Assim, os blogs jornalísticos não serão, eles já são o sucedâneo moderno dos pasquins.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura Brasileira: Momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

JAGUAR & AUGUSTO, Sérgio (Organização). *O Pasquim. Antologia: Volume I 1969-1971*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

PIZA, Daniel (Organização). *Waal, O dicionário da Corte de Paulo Francis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SILVA, Fabiana Santos de Oliveira e & Rodrigues, Malena Rehbein. *Imprensa Brasileira no Império*. Brasília: Imprensa Nacional, 1994.

Site do IBGE (<http://www.ibge.gov.br>)

Site Wikipedia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>)

Site do Millor (<http://www2.uol.com.br/millor/>)

Site Kibeloco (<http://www.kibeloco.com.br>)

Blog Radical, Rebelde, Revolucionário
(<http://liberallibertarioliberalino.blogspot.com/>)

Site Technocrati (<http://technocrati.com>)

Blog do Noblat (<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>)

Blog do Josias (<http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/>)

Blog Vizinho do Jefferson (<http://vizinhodojefferson.blogger.com.br>)